

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

JOHNNY SILVESTRE TAVARES DOS SANTOS

EDUCAÇÃO FORMAL NO COMPLEXO PRISIONAL DE CHAPECÓ:
ANÁLISE DOS IMPACTOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DOS EDUCADORES

CHAPECÓ

2025

JOHNNY SILVESTRE TAVARES DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO FORMAL NO COMPLEXO PRISIONAL DE CHAPECÓ:
ANÁLISE DOS IMPACTOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DOS EDUCADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Leitão

**CHAPECÓ
2025**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Santos, Johnny Silvestre Tavares dos
EDUCAÇÃO FORMAL NO COMPLEXO PRISIONAL DE CHAPECÓ::
ANÁLISE DOS IMPACTOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DOS
EDUCADORES / Johnny Silvestre Tavares dos Santos. --
2025.
43 f.

Orientador: Doutor Leonardo Rafael Santos Leitão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2025.

1. Educação, Sistema Prisional, Direitos Humanos,
Direito Educacional. I. Leitão, Leonardo Rafael Santos,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

JOHNNY SILVESTRE TAVARES DOS SANTOS

EDUCAÇÃO FORMAL NO COMPLEXO PRISIONAL DE CHAPECÓ:
ANÁLISE DOS IMPACTOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DOS EDUCADORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
LEONARDO RAFAEL SANTOS LEITAO
Data: 04/08/2025 09:39:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leonardo Rafael Santos Leitão – UFFS

Orientador



Documento assinado digitalmente
ANA CLAUDIA FERREIRA GODINHO
Data: 04/08/2025 13:51:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa.Dra. Ana Claudia Ferreira Godinho - UFRGS

Avaliadora



Documento assinado digitalmente
CLAUDECIR DOS SANTOS
Data: 04/08/2025 13:59:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Claudecir dos Santos - UFFS

Avaliador

Dedico este trabalho as vítimas de um dos maiores atentados contra os direitos humanos da história e contra a população marginalizada do Brasil. As vítimas em geral, seja os familiares que não tiveram de volta seus entes queridos e foram impedidos de conviver durante os últimos momentos da vida. Que além da saudade e distância que já enfrentavam tiveram que conviver com a dor da perda pelo restante da vida. Às vítimas diretas que tiveram suas vidas interrompidas do dia 03 de outubro de 1992. Aos sobreviventes que carregaram até o fim da vida os traumas do fatídico dia, e aos que adquiriram além de traumas as doenças causadas através do contato com a piscina de sangue deixada no “Massacre do Carandiru”.

AGRADECIMENTOS

Desde que me propus a estudar e, ainda que inconscientemente, iniciar o processo interno de emancipação, sabia que o caminho seria longo e feito de desafios. Sempre compreendi que, até chegar aqui, no caminho que estou trilhando, existiram inúmeras pessoas e experiências que participaram dessa jornada, tornando possível a minha trajetória acadêmica. É impossível citar nome por nome. Sei que muita gente que faz parte disso talvez nem chegue a ser mencionada aqui, mas, ainda assim, essa conquista é de todos! Uma conquista coletiva, como sempre aprendi nos dois anos que antecederam meu ingresso na Universidade, lá no fundão da zona sul de São Paulo, na Rede de Cursinho Popular Ubuntu.

Agradeço imensamente o apoio familiar que tive durante esses mais de sete anos de graduação, seja afetivo, em muitos momentos financeiro e, mesmo à distância, expresso no carinho e preocupação comigo e com o Renê.

Ao meu pai, que em diversos momentos abdicou de questões pessoais tanto para estar ao meu lado nos momentos mais difíceis da vida, como no tratamento da minha doença, quanto para que eu pudesse estudar e me fortalecer nesse sonho. À minha mãe, aos meus irmãos, minha madrasta e minha amada irmã Kátia: espero, em algum momento da vida, ter a oportunidade de retribuir todas as vezes em que você e sua família me ajudaram.

Aos movimentos populares, especialmente aqueles que tive a oportunidade de conhecer e partilhar em São Paulo, sou profundamente grato. Por meio deles conheci as lutas sociais, caminhos possíveis para transformar a realidade e uma visão de mundo que vai muito além daquela que na maioria das vezes já é pré destinada aos moradores das periferias.

À Rede Ubuntu de Cursinho Popular, que foi, sem dúvidas, um divisor de águas na minha vida, deixo meu profundo agradecimento. A todos que lutaram para que ela existisse na Zona Sul de São Paulo, minha eterna gratidão. Ao Rafael Cícero, grande inspiração para mim

e para toda a comunidade; aos professores transformadores da Rede, especialmente Alessandro e Renato; e, é claro, ao inesquecível Padre Jaime, uma das maiores lideranças populares que o Jardim Ângela e o mundo tiveram o privilégio de conhecer e que lutou, até seus últimos dias de vida, pela justiça social.

Registro aqui um agradecimento especial aos colegas da época de cursinho que sonharam, junto comigo, o sonho da Universidade pública e de uma sociedade mais justa. Mesmo sem mantermos contato nos últimos anos, vocês fazem parte disso tudo. Jamais esquecerei do quarteto que sonhava em estudar na UNILA e em conhecer a América Latina juntos: Vitória, André e Jess. Jess, apesar dos pesares, você mais do que ninguém sabe da importância que teve (e tem) para este trabalho e para a minha formação. Minha gratidão será eterna por toda ajuda e parceria ao longo desses últimos oito anos, apoio acadêmico em muitos momentos, conhecimentos compartilhados e por me ouvir e contribuir lá no início da minha pesquisa. Além disso, sou imensamente grato pelos cuidados com o Renê e por toda a parceria na sua criação. Você é uma grande mãe!

Durante esses últimos anos, conheci teóricos e referências fundamentais para que eu escolhesse estudar o sistema carcerário brasileiro. Deixo aqui meu profundo agradecimento e homenagem ao Dr. Drauzio Varella, que é, muito mais que um teórico ou estudioso, uma referência na prática, exemplo de tudo que é possível realizar e denunciar. Ele é a principal inspiração para os meus estudos nesse campo. Também agradeço à jornalista Nana Queiroz, cuja pesquisa e livro sobre o sistema carcerário feminino me impactaram profundamente.

Chapecó também me trouxe surpresas boas. Uma delas foi meu compadre e grande amigo Junior, que sempre me acolheu durante todos esses anos, sendo um grande parceiro, padrinho e exemplo para o Renê. Obrigado por tudo!

Agradeço muito aos amigos, os que ficaram e os que passaram que me ajudaram no percurso da graduação e desta pesquisa: Waleska, Nathi Tanzi, meu orientador, professor Leonardo, que aceitou de coração esse desafio e foi um parceiro e inspiração desde o meu primeiro semestre na graduação. Agradeço também pelo apoio contínuo e incentivo para o projeto de mestrado.

À bibliotecária da UFFS Dani, que me recebeu gentilmente e colaborou com os ajustes finais; aos professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, em especial as professoras Claudete e Adiles; aos colegas do Centro Acadêmico, gestão Heleieth Saffioti, especialmente Júlia Kich e Hellen, que estiveram na linha de frente da gestão.

Aos movimentos sociais do Oeste Catarinense, que lutaram por anos por uma educação pública, por justiça social e pela construção de uma universidade com características populares no interior do Sul do Brasil. Vocês me ensinaram muito sobre coletividade, resiliência e humildade.

À equipe do SAE/UFFS, que sempre foi eficiente, acolhedora e atenta às necessidades dos estudantes, sem o suporte de vocês, essa trajetória não teria sido possível. Aos professores que me concederam entrevistas e colaboraram com esta pesquisa, meu muito obrigado. À Sidinéia, gestora escolar que me atendeu sempre com gentileza, e aos professores que lecionaram no complexo e compartilharam experiências comigo, até mesmo em conversas informais.

Um agradecimento especial ao futebol amador de Chapecó, que em muitos momentos foi meu principal alento na cidade. Aos campeonatos, amistosos, peladas e, especialmente, à família Smoking F.C, equipe pela qual mais atuei e que confiou a mim sua camisa mais simbólica, a número 10, na sua primeira competição oficial. Foi uma honra marcar o primeiro gol da história do time por um torneio.

Um agradecimento especial e carinhoso à minha namorada e companheira, Chaiane, um dos presentes mais lindos que recebi. Desde que você chegou, tudo ficou mais claro e mais belo. Você é amor! Muito obrigado por tanto. Se estou aqui hoje, tem muito de você nisso tudo. Te amo!

Por fim, um agradecimento especial e homenagem a uma parte de mim: ao meu coração fora do peito, Renê! Tudo é por você, meu filho! Obrigado por chegar e transformar tudo aquilo que eu entendia como vida. Sem você, eu não seria quem sou hoje, talvez nem estaria nesse caminho. Quero continuar trilhando-o ao seu lado. Obrigado por ser o meu melhor amigo!

Movimento intenso no IML de São Paulo cadáveres no chão, vários finados o país do futebol marcou um gol de placa 111 a 0, hã, que goleada! (FACÇÃO CENTRAL, 1999)

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa examina a contribuição da educação formal para o processo de ressocialização no Complexo Prisional de Chapecó. Foram empregadas entrevistas com docentes e observação sistemática da estrutura e projetos educacionais existentes. A análise dos dados revela que, embora iniciativas como o Projeto Despertar pela Leitura e cursos formais estejam implementadas, a eficácia da educação é comprometida por condições precárias, desinteresse institucional e a sobreposição das atividades educacionais com o trabalho prisional. O estudo ressalta a importância de políticas públicas de inclusão social voltadas à juventude periférica, a serem implementadas previamente ao encarceramento. Conclui-se que a educação formal possui relevância intrínseca no processo ressocializador, mas enfrenta obstáculos significativos, o que enfatiza a urgência da implementação de políticas de direitos humanos tanto no ambiente prisional quanto em âmbitos externos. A pesquisa sugere a continuidade de investigações sobre a realidade prisional de Chapecó e suas respectivas políticas públicas.

Palavras-chave: educação formal; sistema prisional; ressocialização; Complexo Prisional de Chapecó; políticas públicas.

ABSTRACT

This qualitative research investigates the contribution of formal education to the resocialization process within the Chapecó Penitentiary Complex. The study employed semi-structured interviews with educators and systematic observation of existing educational structures and projects. Data analysis reveals that, despite initiatives such as the "Despertar pela Leitura" Project and formal courses, the effectiveness of education is hindered by precarious conditions, institutional disinterest, and the overlap of educational activities with prison labor. The findings highlight the critical importance of public policies aimed at the social inclusion of marginalized youth, which should be implemented prior to incarceration. The study concludes that formal education holds inherent relevance in the resocialization process but faces significant obstacles, underscoring the urgent need for the implementation of human rights policies both within and outside the carceral system. This research suggests the continuation of investigations into the carceral reality of Chapecó and its associated public policies.

Keywords: formal education; prison system; resocialization; Chapecó Penitentiary Complex; public policies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Os entrevistados.....	24
Quadro 2 – Matrículas anuais.....	29
Quadro 3 – Matrículas no Projeto Despertar Pela Leitura.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CASE	Centro de Atendimento Socioeducativo
PACH	Penitenciária Agrícola de Chapecó
PICH	Penitenciária Industrial de Chapecó
SAE	Setor de Assuntos Estudantis
SAP	Secretaria de Administração Prisional e Socioeducativa
SED	Secretaria da Educação
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	OBJETIVO GERAL.....	14
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
1.3	JUSTIFICATIVA.....	15
1.4	METODOLOGIA.....	16
1.5	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	17
2	GRADES, VOZES E SILÊNCIOS: UM RELATO DA VISITA TÉCNICA AO COMPLEXO PRISIONAL DE CHAPECÓ.....	19
2.1	RELATO DE VISITA.....	19
3	ENTRE A SALA E A CELA: PERCEPÇÕES, PRÁTICAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE.....	25
3.1	SOBRE OS ENTREVISTADOS.....	25
3.2	SOBRE O COMPLEXO.....	27
3.3	ESTRUTURA.....	29
3.4	FLUXO DE MATRÍCULA.....	30
3.5	QUESTÕES PEDAGÓGICAS.....	31
3.6	DIFICULDADES.....	33
3.7	MOTIVAÇÃO E PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES.....	35
3.8	PROJETO DESPERTAR PELA LEITURA.....	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito estabelecido na constituição de 1988 (BRASIL, 1988), devendo ser ofertada pelo Estado de forma pública aos cidadãos brasileiros. O cidadão que se encontra privado de liberdade por alguma infração contra a lei ainda deve ter assegurado seu direito à educação pelo Estado. A lei (n.º 7.210/1984) em sua seção V é clara quanto às obrigatoriedades do Estado no fornecimento da educação, tanto quanto aos direitos educacionais do apenado. O artigo 18 estabelece a obrigatoriedade do ensino fundamental, integrando-o ao sistema educacional da federação. Além disso, o artigo 21 determina a instalação de bibliotecas em todas as unidades prisionais, com acervo diversificado de livros instrutivos, recreativos e didáticos, acessível a todos os detentos (BRASIL, 1984). Desta forma, por obrigatoriedade, o sistema penitenciário deve ofertar a educação formal aos detentos que desejam usufruir deste direito.

Contudo, em muitos casos, os presos, mesmo sem instrução educacional, não acessam a escola oferecida em tese pelo sistema prisional. Consideramos importante analisar em quais condições essa educação vem sendo ofertada. Alguns estudiosos do tema problematizam essa oferta afirmando que essa educação é oferecida na maior parte dos casos como uma espécie de programa assistencial, se desvinculando totalmente do seu caráter real de direito (da Silva, 2017 apud Oliveira, 2017). Alia-se a isso o desinteresse dos apenados pelos estudos, os horários que as aulas são ofertadas, a competição com o trabalho laboral na unidade prisional e a falta de incentivos em determinadas unidades.

Nesse sentido, com o intuito de compreender a efetividade da implementação da educação formal e sua função na ressocialização de indivíduos privados de liberdade, considera-se imprescindível dedicar-se à análise da realidade local, especificamente o sistema prisional da cidade de Chapecó, Santa Catarina, a fim de responder aos questionamentos que emergem acerca da educação nesse âmbito. Portanto, formulamos a seguinte questão de pesquisa: De que forma a educação formal no sistema penitenciário de Chapecó contribui para a reintegração dos presos?

1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os impactos da educação formal no processo de cumprimento da pena de pessoas privadas de liberdade no Complexo Prisional de Chapecó, considerando as perspectivas dos sujeitos envolvidos.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar o perfil dos presos que participam da educação formal no sistema penitenciário
- b) Compreender quais são as oportunidades relacionadas a atividades intelectuais no presídio, às suas condições materiais e se elas são ofertadas de forma equânime entre os detentos.
- c) Analisar os dados existentes sobre estudantes, média de matrículas, ex estudantes e formados;
- d) Investigar como os internos enxergam as atividades educacionais ofertadas pela penitenciária de Chapecó, o que os aproximam e os afastam da escola;

1.3 JUSTIFICATIVA

Durante minha trajetória, conheci de perto pessoas que viveram ou viveriam a experiência da privação de liberdade. Percebi que, na maioria, essas pessoas não tiveram a oportunidade de iniciar ou finalizar o ensino básico por diversas razões, o que as levou ao caminho da criminalidade. Um estudo de 2021 apontou que 70% dos encarcerados não completaram a educação básica (NOVO, 2021). É um grande obstáculo terminar os estudos na prisão, especialmente quando o sistema educacional é cheio de problemas, recebe pouca atenção do governo, sofre cortes financeiros, faltam professores em determinadas disciplinas e não oferece os materiais e as instalações necessárias.

Este trabalho busca contribuir para garantir o direito constitucional à educação de todo cidadão brasileiro e para a implementação de políticas educacionais adaptadas ao ambiente carcerário, que possui características distintas das escolas comuns.

Pretendemos também contribuir com o debate, pesquisando as condições em que as políticas educacionais acontecem em situações de privação de liberdade e também para que experiências educacionais dentro desses espaços obtenham maior visibilidade, visto que a literatura sobre a temática abordou pouco a escola do Complexo Prisional de Chapecó.

Nesse sentido, este estudo, fundamentado nas ciências sociais e em reflexões teóricas sobre educação, busca contribuir para o avanço e a melhoria do sistema educacional prisional de Chapecó e de escolas no sistema prisional brasileiro, efetivando o exercício da cidadania durante o cumprimento da pena e ao serem libertados.

1.4 METODOLOGIA

O percurso metodológico da pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, que permitiu uma análise aprofundada das práticas educativas e dos processos de ressocialização desenvolvidos no sistema carcerário de Chapecó. A metodologia foi pautada em três principais estratégias: a realização de entrevistas semiestruturadas, uma visita técnica ao Complexo Prisional e o aporte teórico oriundo de textos especializados na área. Foram realizadas cinco entrevistas com professores que atuaram diretamente no complexo em diferentes momentos e de diferentes áreas, os quais compartilharam suas experiências e desafios na implementação da educação formal. Para orientar as entrevistas, foi elaborado um roteiro com 14 questões que abordavam tanto os aspectos pedagógicos quanto as implicações da prática educativa na transformação social dos detentos. As entrevistas foram conduzidas de forma individual e gravadas as vozes dos participantes, assegurando o anonimato e a confidencialidade de suas informações. Posteriormente, todas as gravações foram transcritas integralmente, permitindo uma análise minuciosa dos relatos e a inserção das citações nos capítulos do trabalho.

Além das entrevistas, foi realizada uma visita técnica ao complexo prisional de Chapecó, o que possibilitou o contato direto com a realidade do ambiente e o conhecimento dos projetos de ressocialização em execução. Durante essa visita, pôde ser observada a estrutura física do complexo, os espaços destinados às atividades educativas e ressocializadoras, locais de trabalho, empresas instaladas no complexo, dialogar com a administração e compreender melhor as condições de trabalho dos profissionais envolvidos. Essa experiência prática foi fundamental para contextualizar os dados coletados nas entrevistas, evidenciando os desafios e as potencialidades da educação formal como instrumento de transformação e reintegração social dos detentos.

O referencial teórico utilizado no estudo consistiu na análise de textos que abordam a interseção entre educação e ressocialização em ambientes prisionais. Esses textos forneceram a base para compreender as teorias e práticas que norteiam a educação formal no contexto carcerário, contribuindo para a interpretação dos relatos dos professores e para a construção de uma narrativa que integra os aspectos práticos e teóricos do tema. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, que permitiu identificar categorias e temas emergentes dos discursos dos professores, relacionando-os com os pressupostos teóricos sobre ressocialização e educação. Dessa forma, os capítulos do trabalho foram elaborados a partir da sistematização das respostas dos entrevistados, evidenciando como a

prática educativa pode atuar como um agente de transformação social no processo de ressocialização dos internos.

Todo o desenvolvimento da pesquisa observou rigorosos preceitos éticos, garantindo o consentimento livre e esclarecido dos participantes, o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas. Assim, a metodologia adotada permitiu uma abordagem abrangente e aprofundada da realidade do complexo prisional de Chapecó, evidenciando a importância da educação formal na promoção da ressocialização e na reintegração social dos detentos.

1.5 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Abordar a educação formal no contexto de privação de liberdade difere-se de abordar a escola comum, é necessário considerar suas particularidades. Pensando nisso, esse trabalho propõe explorar a escola no ambiente prisional. O artigo “A educação nos intramuros do sistema prisional: desafios e possibilidades para humanização e emancipação pelo trabalho”(GOMES; SANTIAGO; CARVALHO; LIMA, 2020) foi utilizado como suporte para essa abordagem.

O conceito de ressocialização, que em alguns momentos também aparece como reintegração, ou reeducação social, será abordado na perspectiva educacional. Nesse sentido, a autora Sintia Menezes Santos faz uma contextualização deste termo:

O Estado quando condena um indivíduo que cometeu um crime contra a sociedade e por consequência aplica a esse uma pena restritiva da liberdade, teoricamente, acredita que após o cumprimento da sentença expedida esse indivíduo estará pronto para voltar, em harmonia, ao convívio social. O que então se costuma chamar de reeducação social, uma espécie de preparação temporária pela qual precisa passar todo criminoso condenado pela justiça (SANTOS, 2005, p. 4-5).

Para parte considerável da população carcerária é problemático falar sobre ressocialização, considerando que muitos dos que a compõem, desde o início da vida, não foram integrados na sociedade de maneira plena e digna, com possibilidade do exercício da cidadania. Existem casos em que ainda deve ser realizada uma integração (em lugar da reintegração) do sujeito na sociedade nas perspectivas de oferta de direitos cidadãos que lhe foram negados.

Consideramos de extrema importância para esse trabalho considerar as experiências, vivências e narrativas dos detentos e professores da escola. Além das entrevistas e trabalho de campo, foi utilizado como aporte os trabalhos “O processo de ensino e aprendizagem de história nas experiências dos detentos da penitenciária agrícola de Chapecó-SC”

(BRANCALIONE, 2016) e “Educação escolar no ambiente prisional: sob o olhar das experiências dos sujeitos” (BRANCALIONE, 2020), ambos com foco na escola da Penitenciária Industrial de Chapecó.

Por fim, para refletir sobre o papel da educação formal no sistema penitenciário brasileiro e a importância de integração dos diversos saberes, iremos dialogar com os textos “A escola no cárcere: uma reflexão sobre a educação nos presídios brasileiros” (FLORÊNCIO; COSTA, 2021) e “Ciência, trabalho e educação no sistema penitenciário brasileiro” (SILVA; MOREIRA; OLIVEIRA, 2016).

Quanto à importância e o papel da escola encontramos grande dificuldade no detento se interessar e priorizar a educação na detenção. Um dos principais motivos é a “competição” que a escola tem que travar para ser mais atrativa que o trabalho. Traremos neste debate o texto “A educação nos intramuros do sistema prisional: desafios e possibilidades para humanização e emancipação pelo trabalho”(GOMES; SANTIAGO; CARVALHO; LIMA, 2020) que nos ajudará a encontrar alguns pontos para compreensão desse embate que acontece nas propostas de reintegração.

2 GRADES, VOZES E SILÊNCIOS: UM RELATO DA VISITA TÉCNICA AO COMPLEXO PRISIONAL DE CHAPECÓ

Este capítulo apresenta um relato de observação realizado durante a visita técnica ao Complexo Carcerário de Chapecó realizada no dia 10 de novembro de 2023. A experiência proporcionou uma oportunidade única para compreender, de maneira mais aprofundada, a realidade do sistema prisional e seus desafios e foi decisiva para a escolha temática da pesquisa. Através da observação direta, foi possível coletar impressões, identificar aspectos estruturais e operacionais da unidade, além de analisar as dinâmicas sociais e institucionais presentes no ambiente carcerário.

A relevância dessa visita para a pesquisa reside na possibilidade de confrontar os dados teóricos levantados com a realidade prática, enriquecendo a compreensão sobre o tema estudado. O relato a seguir detalha as percepções obtidas durante a visita, destacando os principais pontos observados e suas implicações para a análise desenvolvida ao longo deste trabalho.

2.1 RELATO DE VISITA

Como encerramento da VII Semana Acadêmica de Ciências Sociais, a coordenação do curso de Ciências Sociais, juntamente com a Comissão Organizadora, promoveu uma visita técnica ao Complexo Prisional de Chapecó. A visita contou com 15 estudantes e a professora que, naquele momento, coordenava o curso, Adiles Savoldi. Foi locado um micro-ônibus que partiu da praça Coronel Bertaso, com uma parada no bairro Efapi (mesmo bairro onde está localizado o complexo penitenciário) para embarque dos estudantes que moram nessa região e seguiu destino ao complexo. Chegamos em torno das 08:15 da manhã. Ao chegar fomos recebidos por dois policiais penais, o Jandir que trabalha há trinta e um anos no complexo e a Thaís Rufino que era recém-chegada, trabalhava no complexo de Chapecó há três meses e havia sido realocada do sistema carcerário do município de Lages para Chapecó.

De início, fomos orientados em relação aos pertences que não poderíamos entrar na visita. Em seguida, nos disponibilizaram um local para deixar nossos pertences, no caso de alguém do nosso grupo estar portando algo que não era permitido entrar, como canetas e aparelhos telefônicos, por exemplo, então não foi possível fazer anotações ou imagens, gravações durante a visita. Após receber todas as orientações e tirar uma fotografia junto aos dois funcionários, embarcamos no ônibus da penitenciária para a visita técnica e fizemos a primeira parada em um local onde ficam expostos alguns produtos fabricados pelos detentos

nas suas funções laborais. Cada empresa das quais tem parceria com a penitenciária tinha um produto exposto e uma placa com o nome da empresa, o ramo de serviço que prestava, e se ela estava instalada na penitenciária industrial, agrícola ou feminina. Havia expostos colchão, roupas, uniformes, artigos de recém-nascidos, tijolos, chuveiros, vestido de noiva e outros artigos mais dos quais não me recordo com clareza.

Após a primeira parada, embarcamos novamente no transporte em direção a Penitenciária Industrial de Chapecó (PICH). Chegando lá, outro funcionário nos recebeu, se apresentou como Júnior. O ambiente na PICH soava um pouco mais pesado e tenso, passamos a ter contato com os detentos, principalmente com os que trabalhavam, seja os chamados “regalias” que são apenados que circulam livremente no presídio e são responsáveis por alguns serviços pontuais no ambiente como a faxina, cuidar do lixo, servir as refeições, pequenos reparos nas instalações e consertos. Esses usam uniformes verdes e estão cumprindo a pena em regime semi aberto, assim como tivemos contato com os presos que trabalham nas empresas instaladas na penitenciária, esses de uniforme laranja e cumprem pena em regime fechado. Com esses detentos o contato foi somente visual, esses carregavam um semblante mais pesado e fechado, em nenhum momento se comunicaram conosco, continuaram trabalhando nas suas funções intercalando com algumas encaradas, ao contrário dos detentos “regalias” que se encontra frequentemente nos caminhos fazendo algum serviço e que na maioria das vezes nos cumprimentavam de maneira simpática e proferiam um “bom dia”. Um pouco depois na visita soube que os presos em regime fechado (que utilizavam uniforme laranja) são orientados a virar de costas quando tem visita técnica na unidade, exceto os que estão em horário de trabalho, esses seguem em suas funções laborais durante a visita técnica.

Quando chegamos, o funcionário nos explicou sobre as instalações, a quantidade de celas e nos mostrou as celas de triagem que ficam logo na entrada da PICH que nesse dia se encontravam vazias. Nessas celas da entrada ficam os presos recém-chegados, em torno de 10 dias, até o corpo de funcionários analisar e chegar a um consenso de onde ele vai ficar de acordo com o local onde ele se enquadra, bem como, para evitar que, caso o indivíduo tenha alguma doença contagiosa acabe espalhando pela penitenciária e acometendo os demais detentos. Na pandemia o uso dessas celas foram cruciais para cumprir a quarentena antes de inserir propriamente o preso no complexo. Os funcionários consideram o tipo de crime cometido, a periculosidade, se ele é faccionado ou simpatizante de alguma organização criminosa, se ele tem algum desafeto que se encontra cumprindo pena na unidade, se ele tem alguma aptidão ou experiência em alguma área de trabalho que se adapte a algo que ele pode vir a realizar no local, após essa análise ele é encaminhado para onde irá cumprir a sua pena.

Nessas celas que são bem pequenas e que não são permitidos os banhos de sol para os detentos que ali ficam alojados ficam também os presos de “castigo” os quais cometem alguma falta considerada grave no sistema, o agente que nos acompanhava disse que o máximo de tempo que o presidiário de castigo fica ali são 30 dias, porém o tempo médio varia entre 10 e 15 dias. As celas possuem uma janela onde os presos recebem a refeição, uma cama de concreto, um buraco no chão utilizado como vaso sanitário e um chuveiro.

Passando a entrada fomos conduzidos para as escadas que nos levou ao piso de cima de onde através do chamado sistema aéreo¹ circulamos e vemos as galerias em baixo. É possível ver os corredores, as portas das celas, alguns apenados, as empresas instaladas e a escola da unidade. A visita técnica era guiada e conduzida pela equipe do complexo e tinha um roteiro definido por ela, então pontos específicos nos foram apresentados, ao chegar nesse piso fomos levados para uma das empresas, uma produtora têxtil, era a maior empresa instalada no complexo, eram incontáveis o número de trabalhadores. Quanto ao regime de trabalho, a responsabilidade pelos encargos trabalhistas são de responsabilidade dos empregadores. A relação com os trabalhadores se dão através de contrato de trabalho, os trabalhadores não possuem registro em carteira profissional, recebem um salário mínimo, dessa quantia 75% são desses trabalhadores e os outros 25% vão para o fundo rotativo que é gerido pela administração do presídio, sistema onde parte do salário pago ao preso pela empresa que o contrata retorna para a unidade prisional.

Ainda no caminho da PICH, ao sair da primeira empresa circulando nos corredores, pude observar o pátio interno, o refeitório, uma parte da sala de aula da qual ocorria aula no momento da visita e a sala onde os detentos utilizam para leitura de livro e escrita da resenha do projeto Despertar Pela Leitura, localizada ao lado da sala de aula e parecia dar acesso a ela, no momento um preso montava um quebra-cabeça no local.

Na saída da PICH fomos levados até a sala de revista onde nos apresentaram o scanner que as visitas passam para adentrar nos dias de visita aos presos. Para nos mostrar como funciona, uma voluntária do nosso grupo entrou no scanner e o operador da máquina foi operando pelo computador como funcionava a detecção de objetos através do scanner. Nesse setor da revista possuía também uma sala com mesas e cadeiras para as crianças, um fraldário e outras salas de uso dos funcionários.

1 O "sistema aéreo" é um modelo arquitetônico de segurança prisional caracterizado por corredores elevados e passarelas suspensas que permitem o deslocamento de agentes penitenciários acima das áreas ocupadas pelos internos. Essa configuração visa facilitar o monitoramento e minimizar o contato físico direto, aumentando o controle sobre a população carcerária.

Ao término da demonstração do procedimento de revista embarcamos para o ônibus em direção a Penitenciária Agrícola, chegando lá foi uma visita bem rápida, durou em torno de 15 minutos, lá não tivemos acesso ao setor interno, nos levaram para conhecer uma empresa instalada no local que produzia artigos para recém-nascidos. Em todas as empresas que visitamos, além dos detentos de uniforme laranja, trabalhavam também representantes e outros funcionários, que se distinguiam dos demais pela vestimenta formal e o uso dos crachás no pescoço.

Sáímos da Penitenciária Agrícola sem conhecer muito do local, em direção ao último local de visita, o Presídio Regional Feminino de Chapecó. Chegando lá fomos gentilmente recebidos pela diretora do presídio que após se apresentar foi nos apresentando o local. Ela nos explicou sobre a estrutura das galerias e nos levou em uma mais próxima para conhecer.

Diferente dos setores masculinos visitados anteriormente, ali não possui o sistema aéreo, sendo assim o contato entre as detentas e os funcionários do Presídio é direto, por isso as presas ao serem tiradas das celas são algemadas. Observamos algumas sendo conduzidas, sempre com uma funcionária e somente ao entrar na cela as algemas eram tiradas.

Após esse bate-papo com a diretora e a apresentação da galeria, ela nos acompanhou para a empresa que estava instalada nesta unidade, ao contrário das unidades masculinas, nesta empresa tanto as detentas de uniforme verde que cumprem a pena em regime semi-aberto, quanto as detentas que cumprem em regime fechado trabalham juntas. O ambiente na unidade aparentava ser menos tenso que as unidades masculinas, algumas presas que trabalhavam no momento da visita se dirigiram para os visitantes com cumprimentos, cumprimentavam também a diretora e as funcionárias do presídio. Nos corredores, na cozinha, no refeitório, sempre era possível ver as regalias trajando seus uniformes verdes, trabalhando, na limpeza, na cozinha e nas tarefas rotineiras do presídio.

Para finalizar a visita, a diretora nos levou para conhecer o setor da maternidade, quando alguma apenas descobre a gravidez, independente de ter chegado grávida ou ter engravidado no contexto prisional, a partir de qualquer semana em que a gravidez é descoberta ela é separada das demais e vai para esse ambiente da maternidade. No setor ficam os recém-nascidos acompanhados pelas suas mães, até completarem seis meses e após isso são entregues para os familiares. No período da visita o setor contava com um recém-nascido e quatro gestantes. O lugar aparenta para quem é de fora ser um ambiente um pouco mais leve, com grafites nas paredes, um espaço ao ar livre, celas mais espaçosas, com berços, poltronas de amamentação, estrutura mínima necessária para um recém-nascido passar os seus primeiros meses. É notável que as gestantes interagiam e pareciam auxiliar a mãe com os

cuidados enquanto esperavam a chegada dos seus filhos. Ainda ali na entrada do setor materno, a conversa se estendeu um pouco e surgiram diversos questionamentos dos estudantes sobre questões relacionadas a gênero, maternidade e as visitas para as presas.

Quanto às mulheres transsexuais, a unidade contava com duas, elas viviam juntas em uma cela separada das demais detentas, faziam horários separados de banho de sol, bem como qualquer outra atividade. A justificativa era que já ocorreu em outros momentos conflito entre as mulheres cis e as mulheres trans. Mulheres trans que tinham orientação homossexual e já quiseram se envolver romanticamente com mulher cis, ainda acontece confusão relacionada a orientação sexual ser confundida com gênero.

Quanto às visitas, levando em comparação aos setores masculinos, são totalmente desproporcionais. Enquanto no masculino a maioria dos detentos recebe visitas com frequência, inclusive de esposas e em não poucos casos como a diretora nos contou até com relacionamentos extraconjugais, as mulheres recebem um número baixo de visitas, geralmente de pais ou filhos. Quando essas mulheres são presas e têm um relacionamento, geralmente seus companheiros as abandonam ou aparecem nas primeiras visitas e no decorrer do tempo rompem contato, a diretora nos conta que lembrava de no máximo uns cinco casos no momento do qual essas presas ainda recebiam visitas de seus cônjuges regularmente.

Por fim embarcamos pela última vez no ônibus do complexo prisional e retornamos ao local de início para o encerramento da visita técnica, nos despedimos dos dois funcionários que nos acompanhou durante todo o percurso da visita, comentei sobre minha pesquisa e a Thaís me orientou sobre sites onde consigo informações relacionadas ao presídio e sobre dados prisionais.

É importante enfatizar que essa visita é guiada e planejada pela administração do complexo prisional, é aberta para grupos de até vinte pessoas diante de agendamento via e-mail. A equipe nos contou ser a primeira vez que recebia um grupo de estudantes de Ciências Sociais, até o momento as visitas de estudantes que haviam recebido eram de grupos de estudantes de direito e de administração, também era a primeira vez que recebia estudantes da Universidade Federal da Fronteira Sul. Também é importante lembrar que a administração deseja passar uma imagem do cotidiano do complexo, devido a isso é apresentado as partes consideráveis como integradoras e com papéis importantes socialmente no auxílio aos detentos para criar novas perspectivas de ressocialização, para cumprir suas penas com dignidade e projetar um futuro em liberdade. Em certos momentos os funcionários comentaram alguns problemas e também trabalharam em minimizar alguns que eram recorrentes em unidades prisionais. No mais, a visita foi de extrema importância para

conhecer melhor a estrutura, o funcionamento e os projetos que acontecem dentro do Complexo Prisional de Chapecó, ainda que pela perspectiva da administração, gostaríamos de em outro momento ter contato também com os apenados e dar voz para que nos conte as suas compreensões sobre os projetos que acontecem no complexo.

Fica como reflexão e futuras discussões as questões que a administração não contempla, como os direitos trabalhistas aos presos que trabalham nas empresas ali instaladas, os baixos salários que eles recebem para exercer as mesmas funções que trabalhadores que prestam os mesmos serviços exercem e recebem salários condizentes ao piso salarial da função. Bem como, os estudantes que não possuem em sala de aula recursos digitais e nem contato direto com os professores a não ser por meio de grades ou vidros e outros problemas mais que não coube a análise por meio da visita técnica e pretendemos continuar a investigar em projetos futuros.

3 ENTRE A SALA E A CELA: PERCEPÇÕES, PRÁTICAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Um dos percursos metodológicos da pesquisa foi entrevistar professores que atuam e atuaram no Complexo Penitenciário de Chapecó entre os anos de 2019 e 2025 em uma ou mais escolas do complexo. As entrevistas foram realizadas entre outubro e dezembro de 2024, elas foram semi estruturadas e realizadas com o objetivo de refletir a escola prisional na perspectiva dos educadores, além de dar voz a eles sobre os desafios e dificuldades que encontram em trabalhar nesse ambiente, a relação com os estudantes e com a gestão prisional. Foram entrevistados 4 professores de diferentes componentes curriculares.

Os professores do Complexo Prisional trabalham em regime temporário, contratados geralmente no início do ano, com contrato em vigência até o fim do ano letivo. A justificativa dada pela Coordenação Regional Escolar para que os professores sejam contratados com vínculos de caráter temporário segundo a professora Rita, a quarta entrevistada, se dá pelo fato de que a qualquer momento pode ocorrer algum imprevisto de características prisionais, como rebeliões ou desentendimentos, por exemplo, e alguma turma acabar sendo extinta, podendo os professores perderem as suas aulas, sendo assim, esse professor contratado, no decorrer do ano sofre a possibilidade de a qualquer momento poder perder seu emprego, já que é previsto em contrato. Mesmo assim a professora comentou que em 6 anos que trabalha no complexo prisional e já atuou em três das suas quatro escolas, não se recorda de já ter acontecido isso e conta que durante os últimos cinco anos finalizou todos os anos letivos com seu emprego durante toda a vigência dos contratos anuais.

Alguns professores preferiram não se identificar durante a entrevista, nesses casos serão utilizados nomes fictícios. As entrevistas foram realizadas de maneira presencial. Foram formuladas 14 questões divididas em quatro blocos. O primeiro bloco tinha como temática a percepção dos professores sobre a educação no contexto prisional. O segundo bloco, os fatores de motivação e barreiras para a educação no contexto prisional. O terceiro bloco, os desafios e a realidade do ensino no contexto prisional. E o quarto, sobre os impactos da educação no contexto prisional.

3.1 SOBRE OS ENTREVISTADOS

O primeiro entrevistado foi o professor Charles, ele é licenciado em arte e história, atua como professor há 6 anos e lecionou a disciplina de história no ano de 2019 na PICH e em 2023 na PACH. A segunda entrevistada foi a professora Analu, da área de linguagens, atua

como professora há 7 anos e lecionou em 2019 no presídio feminino e em 2024 na PACH. . A terceira entrevistada foi a professora Betânia de língua portuguesa que no último ano trabalhou no projeto Despertar Pela Leitura na PICH, o contato dela com os estudantes é mensal, ela encontra os estudantes apenas uma vez por mês, os estudantes nesse encontro escolhem o livro que vão ler e entregam a resenha do livro lido no mês anterior que a professora irá fazer a avaliação. Cada resenha entregue após avaliada e aprovada dá direito ao reeducando remissão de quatro dias na sua pena.

Por fim, entrevistei a professora Rita, pedagoga, professora desde 2012, que desde 2019 quando surgiu a oportunidade pela primeira vez de atuar como professora no sistema prisional, na penitenciária feminina nunca mais voltou a lecionar em escolas convencionais, desde então vem trabalhando no complexo prisional e nesse tempo já lecionou em três unidades. No último ano atuou como professora de nivelamento na PACH, da qual o público na maior parte são alunos mais velhos que trabalham e estão no regime semiaberto. São turmas multisseriadas, muitos alunos ao nível de alfabetização. Mas ela também já atuou no componente de biologia em uma das vezes. Muito experiente no ambiente, se considera realizada trabalhando com os reeducandos e se declara muito esperançosa e otimista com a educação formal no ambiente carcerário. Antes de 2019, quando ainda atuava em escolas convencionais, chegou a cogitar em alguns momentos deixar de ser professora, pois se encontrava esgotada com a docência e desesperançosa. Isso mudou com sua ida em 2019 para o complexo, ela diz que recuperou o ânimo e a empolgação na docência.

Quadro 1 – Os entrevistados²

Professor	Unidade que atuou	Ano	Componente
Charles	PICH PACH	2019 2023	História
Analú	Presídio Feminino PACH	2019 2024	Língua Portuguesa
Betânia	PICH	2024	Despertar Pela Leitura
Rita	Presídio Feminino PICH PACH	2019 - atualmente	Nivelamento e Biologia

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.2 SOBRE O COMPLEXO

² Os nomes dos entrevistados são fictícios para preservar o anonimato.

O Complexo Penitenciário de Chapecó está localizado na Rua Cunha Porã, 1600E, no Bairro Efapi, na cidade de Chapecó, região oeste do estado de Santa Catarina. Com uma área aproximada de 250 mil metros quadrados, conta com mais de dois mil reclusos espalhados por quatro instituições: A Penitenciária Industrial(PICH) a Penitenciária Agrícola(PACH), o Presídio Regional Feminino, o Presídio Regional Masculino.

Todas as quatro unidades contam com escola, que costumam ter perfis diferentes de alunos ou mesmo abordagem dos professores. Segundo a fala da professora Rita que já lecionou em três das cinco unidades quando questionada sobre o perfil dos estudantes diz:

“O perfil varia muito, se for analisar, o perfil dos alunos de ensino médio é um e o de nivelamento é outro. O perfil do ensino médio são mais jovens, né? Que geralmente é tráfico, essas questões aqui fora, que eles se envolveram. E o perfil do nivelamento, que são séries iniciais, são senhores mais de idade, analfabeto, semi-analfabeto, que realmente não estudaram porque eles não tiveram oportunidade. Porque é uma outra geração que não tinha acesso à escola, que é muito diferente. Já os jovens ali, os do ensino médio, não. Eles realmente não quiseram. Se eles foram na escola, eles não viram nenhum valor nisso e acabaram abandonando. Então, eles têm perfis bem diferentes.” (Rita, 2024)

A PICH é uma penitenciária de segurança máxima, nela estão reclusos os presos condenados que estão em regime fechado, lá estão localizadas algumas empresas, em sua maioria indústria e empregam presos na sua produção. No local também ficam os detentos faccionados e simpatizantes das facções, eles ficam separados e não se misturam entre facções diferentes, os que ali estudam em grande parte são jovens, muitos deles membros de facção e comentam abertamente sobre o fato em sala de aula seja entre si, com os funcionários ou mesmo com os professores.

A PICH é dividida em quatro galerias (galerias A B C e D), os presos faccionados ficam em galerias separadas, sendo assim, em duas galerias ficam as duas maiores facções estabelecidas no complexo, conhecidos pela administração do presídio e é possível ouvir seus gritos de guerra, os lemas, a forma que se organizam, etc. Nas outras duas galerias, entre outros, ficam os chamados neutros, os membros de outras facções menores, os isolados, os condenados por crimes sexuais e criminosos não aceitos pela massa carcerária.

Cada galeria tem sua escola, então durante as aulas os estudantes faccionados também estudam junto aos seus, em hipótese alguma, membros de facção tem contato com membros de outra facção e nota-se que principalmente as duas facções maiores tem forte rivalidade no sistema.

Sendo assim, muitos dos professores dão aulas em dias diferentes em galerias diferentes e tem contato com facções rivais. É importante ressaltar o respeito que a figura do

professor tem diante os presos, inclusive muitos dos professores optaram em continuar lecionando no sistema após ter o primeiro contato com essa escola, motivados principalmente pelo cansaço da escola convencional, estudantes desanimados, desinteressados ou mesmo a falta de respeito com o professor, ou interesse com as aulas, algo que diferencia bastante da escola do presídio onde os estudantes têm grande respeito e interesse pelas aulas por ser basicamente um dos poucos contatos com o mundo fora da prisão.

Na PACH, boa parte da população carcerária é formada por apenados que cumprem pena em regime semiaberto. Alguns deles trabalham fora do complexo durante o dia e retornam de noite, outros trabalham no complexo em diversas funções, nas empresas instaladas, na agricultura e em tarefas do próprio presídio.

No Presídio Regional Masculino os presos aguardam julgamento, ali é ofertada normalmente a escola e como em muitos casos os julgamentos são demorados, muitos completam o ano letivo dentro da normalidade.

No Presídio Regional Feminino, diferente do restante, não existe o chamado “sistema aéreo”, o acesso é feito por dentro das galerias mesmo e toda a movimentação das detentas ao sair das celas para algum procedimento é feita com elas algemadas. As aulas ali também ocorrem normalmente.

3.3 ESTRUTURA

Quanto à estrutura das escolas também se diferenciam bastante e cada uma delas tem suas peculiaridades. Fica nítido que as salas de aula são bastante precárias, nenhuma delas parecem ter sido construídas pensando educacionalmente em funcionar como uma sala de aula tradicional, ou mesmo a falta de espaços pensado para os professores, como um espaço para eles realizarem os intervalos ou mesmo planejamento para as aulas, etc.

A PICH é alvo de bastante reclamação dos professores que ali trabalham por não ter estrutura mínima para o professor em seu período de intervalo, nem mesmo banheiro, como relata a professora Rita:

“Em alguns espaços, a situação ainda é um pouco difícil, como, por exemplo, na PICH, que ela não foi estruturada para isso. Então, são salas improvisadas que mais o professor sofre do que o próprio aluno. O professor não tem ainda acesso a um banheiro, que não tem lá dentro. São galerias que você precisa passar por bastante portões, depender dos policiais para abrir, para o professor sair. O professor acaba evitando de chamar. Então, é um pouco insalubre.” (Rita, 2024)

Contrastando com a evolução nas melhorias que acontece no decorrer dos últimos anos na PACH, como a mesma professora reforça:

“Já a agrícola, ela tem um espaço bem melhor, ela é mais aberta. Ela conta com banheiro, acesso, entrada e saída do professor. Os espaços das salas de aula também ficaram melhores, porque eles foram construídos depois. A estrutura do espaço é diferente da industrial. Então, já foi possível adequarem melhor. Em alguns espaços, têm o básico do que é necessário para esse ensino-aprendizagem. Em alguns espaços, ainda é um pouco difícil. Falta alguma coisa, questão de estrutura ali. Mas a gente percebe que o pessoal está tentando melhorar e adequar.” (Rita, 2024)

A professora Analu também enfatiza as melhores condições aos professores na PACH, porém se queixa em relação a não utilização de tecnologia que impacta sua atuação no geral:

“Bom, em questão de estrutura, para mim, eu acho ok, nós temos sala de aula, temos computador, temos acesso à internet. Nós temos o nosso banheiro, que era uma coisa que a gente não tinha antes, então, a gente tinha que usar, às vezes, o banheiro dos agentes ou o banheiro da saúde, isso melhorou muito esse ano. Só que a única coisa que eu acho ruim é a gente não poder levar o celular na sala dos professores. Porque, às vezes, não é uma questão de ficar no celular, é uma questão, às vezes, de acontecer alguma coisa, você ter uma dúvida, e às vezes, eu preciso falar algum assunto com a diretora ou com o pessoal do CEJA, como eu posso resolver de forma rápida?” (Analu, 2024)

A limitação de acesso direto às escolas do Complexo Carcerário de Chapecó nos levou a basear esta análise nas falas dos professores entrevistados, cujos relatos evidenciam a precariedade estrutural e as desigualdades entre os espaços. Tais condições impactam diretamente a prática pedagógica e refletem a marginalização histórica da educação em contextos de privação de liberdade. Em termos sociológicos e educacionais, é fundamental reconhecer que a ausência de uma estrutura adequada compromete não somente o direito à educação, mas também o potencial transformador que ela pode exercer nesse contexto. Investir em melhores condições físicas e em recursos pedagógicos e tecnológicos é essencial para garantir um ensino mais efetivo e humanizado.

3.4 FLUXO DE MATRÍCULA

Foi realizado o levantamento sobre números de matriculados entre os anos de 2024 e 2025, a PACH é a escola que mais tem estudantes matriculados nos dois anos, quanto ao programa Despertar Pela Leitura em todas as unidades conta com mais matriculados que as escolas, algumas das explicações podem ser por demandar menos tempo a leitura e a resenha e valer uma quantidade considerada boa de remissão da pena. Outro fator também pode ser pelo interno, mesmo após concluir os estudos, poder participar do projeto e continuar mantendo uma atividade intelectual que também serve para a remissão de pena. E por fim os

internos que trabalham, que no geral não podem estudar pela escola ser ofertada somente durante o dia, tem a oportunidade de participar.

Quadro 2 – Matrículas anuais

Unidade escolar	2024	2025
PACH	236	288
PICH	230	232
Presídio Masculino	21	24
Presídio Feminino	98	104

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Quadro 3 – Matrículas no Projeto Despertar Pela Leitura³

Unidade Escolar	Número de Matrículas ano de 2025
PACH	432
PICH	324
Presídio Masculino	80
Presídio Feminino	174

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.5 QUESTÕES PEDAGÓGICAS

A educação no sistema penitenciário é um instrumento essencial para a reintegração social dos apenados, oferecendo-lhes a possibilidade de desenvolverem competências que podem contribuir para uma vida digna fora das grades. Contudo, no Complexo Penitenciário de Chapecó, a prática educacional enfrenta uma série de desafios pedagógicos e estruturais que comprometem o pleno alcance desse objetivo.

Um dos principais problemas é a infraestrutura da escola no complexo. As salas de aula, localizadas em um ambiente de alta segurança, vigiada pelo chamado sistema aéreo, um sistema do qual os agentes fazem todo o contato com os detentos pelo alto, através de grades fixas sob a parte superior dos pavilhões, são caracterizadas pela ausência de ventilação adequada, o que torna o ambiente desconfortável tanto para os estudantes quanto para os professores. O calor intenso em dias quentes e a falta de circulação de ar criam uma atmosfera opressiva, que interfere diretamente na capacidade de concentração e aprendizado. Assim

como no inverno característico do sul do Brasil, a sala de aula é extremamente fria e dificilmente os estudantes têm roupa apropriada para tal o prof Charles cita:

“Mas em questão de estrutura, acredito que não seja favorável para eles conseguirem obter um conhecimento. Quando está frio, eles só vêm com a roupa do corpo. Eles não têm vontade de estar ali quando está frio.” (Charles, 2024)

Além disso, a divisão do espaço por grades entre professores e estudantes é um reflexo do contexto de segurança em que essas aulas ocorrem, mas também simboliza e perpetua a barreira entre educador e educando, dificultando a criação de um vínculo pedagógico eficaz e afetivo, como descreve o professor Charles:

“Ali a gente está basicamente separado entre uma grade e o aluno. Na escola básica, basicamente eu tenho contato com esse aluno, posso chegar, dar um aperto de mão, posso dar um abraço quando estiver precisando. Mas são realidades totalmente diferentes, né? Ali no ensino prisional tem um agente basicamente na parte de cima, vendo o que a gente está fazendo, o que a gente está falando, dependendo da disciplina a gente não consegue se expressar como a gente queria mesmo, porque como eu leciono história, numa questão mais de revolta, de focar em questões sociais, às vezes é mais difícil e às vezes, a gente estava em quatro paredes, mas sendo escutado por uma quinta, que seria o agente ali em cima, né? Então, já tive questões que eu tive que abordar com eles que eu não conseguia desenvolver justamente porque eu não conseguia me expressar por uma questão de ambiente que eu estava inserido.” (Charles, 2024)

Podemos notar outro grave problema além da estrutura física, relacionado ao descaso de funcionários da penitenciária como citado pelos dois professores, as conversas entre os agentes, sem respeito ao silêncio ou discussões das aulas, essenciais para uma aula e que requer ainda mais atenção por quem está ao redor, pois não existe acústica nessas salas. Consegui presenciar durante a visita técnica em 2023 e notei como não há nenhuma alternativa para lutar contra o barulho durante as aulas. Aliado ao fato de certos temas como citado pelo professor Charles da disciplina de história, considerados polêmicos, se sentir inseguro de trabalhar, seja por questões ideológicas ou disciplinares.

Outro desafio significativo é o fluxo dos estudantes. A presença dos apenados nas aulas depende de agentes penitenciários, que nem sempre garantem a pontualidade ou mesmo a liberação dos estudantes para comparecerem às atividades educacionais. Há relatos frequentes de situações em que os agentes se esquecem de retirar o estudante de sua cela, comprometendo a continuidade e a regularidade do ensino. Essa falha organizacional não somente prejudica o andamento das aulas, mas também desmotiva os alunos que, ao se depararem com tais obstáculos, podem abandonar os estudos.

A falta de materiais didáticos também é um problema recorrente. Livros, cadernos, e outros recursos são escassos, dificultando o planejamento e a execução de atividades

pedagógicas mais dinâmicas e envolventes, a professora Analu de língua portuguesa desabafa “Outra coisa também que eu vejo ser um pouquinho defasada é o livro didático, o livro didático é de 2011, então, nós estamos em 2024, cadê os livros atualizados, entendeu?” (Analu, 2024)

Diante dos desafios pedagógicos enfrentados no Complexo Penitenciário de Chapecó, fica evidente que a educação prisional continua longe de alcançar condições ideais para o pleno desenvolvimento dos estudantes. A precariedade da infraestrutura, a falta de materiais didáticos atualizados, a interferência de agentes penitenciários e as dificuldades de acesso às aulas comprometem a qualidade do ensino e desmotiva tanto professores quanto alunos.

Além disso, a barreira física e simbólica imposta pelo ambiente carcerário reforça o distanciamento entre educador e educando, dificultando a construção de vínculos pedagógicos eficazes. As dificuldades relatadas pelos docentes demonstram que, apesar do esforço dos profissionais envolvidos, a ausência de um suporte institucional adequado impede que a educação cumpra integralmente seu papel transformador.

3.6 DIFICULDADES

Embora a escola no complexo penitenciário de Chapecó seja uma realidade, ainda são inúmeros os desafios para ter adesão total dos detentos que ainda não concluíram o ensino básico. Questionados durante as entrevistas, os professores citaram diversos pontos que afastam os presos da escola ou dificultam sua permanência, fatores como clima, lentidão nos processos judiciais, competição com o mercado de trabalho, abandono familiar, descaso dos agentes penitenciários para fazer o deslocamento entre outros foram citados.

A professora Analu em sua resposta sobre dificuldades levantou uma série de questões:

“Como acaba sendo muito restrito a questão do material, a questão de ter poucas aulas, eles acabam tendo também um desânimo. A questão deles só terem um tipo de roupa para ir, no inverno, que fez muito frio esse ano, inclusive, tinha uns que não iam para a aula porque estava muito frio. Não tinham roupa. Então, isso acaba desmotivando um pouco. E também acontece muito dos agentes não tirarem eles para a aula, isso acontece bastante. Por exemplo, a minha aula é na terça de manhã, ele veio na quinta de manhã e falou que não foi na terça porque o agente não tirou. Às vezes, os próprios agentes não tiram os alunos para a sala, eles acabam se desmotivando, acontece muito isso. Às vezes, o plantão troca, às vezes, se confundem. Não tem a lista atualizada de alunos, ou mesmo por não querer mesmo, de não querer ajudar os presos. Então, tem essa parte também, acaba desmotivando eles. “Olha, professora, se eles não me tirassem hoje, eu não vinha mais.” Já teve essa fala comigo, acaba sendo uma desmotivação a mais.”(Analu, 2024)

Infelizmente, situações cotidianas como essas podem influenciar significativamente e impedir que o estudante esteja concentrado na aula e afete sua permanência nos estudos.

Já o professor Charles destaca a repressão do sistema penitenciário como principal problema capaz de afastar o detento da sala de aula, aliado ao ambiente que ele vive em uma cadeia: “Olha, eu acho que talvez a repressão faz com que eles realmente não tenham vontade de estar ali. Então, eu acho que é mais essa questão de repressão por parte do pessoal que está ali e o meio que eles estão inseridos.” (Charles, 2024).

Pensando em alternativas que pudessem ser viáveis e mais atraentes para os detentos terem maiores motivações para ingressar nos estudos ou mesmo em atividades intelectuais no cárcere, a professora Betânia argumenta a importância de algo mais pragmático como o ensino técnico:

“De acordo com o que eles mesmos falam, o que seria interessante para eles seriam cursos mais voltados para o profissionalizante, algo mais técnico, muitos entram lá sem ter terminado os estudos, terminam o ensino médio e acabam ficando mais muitos anos lá dentro. Eles têm acesso ao trabalho, mas não são muitos que vão poder trabalhar, porque as fábricas que a gente tem lá dentro acabam lidando, por exemplo, com alguns equipamentos, tesouras, facas, e aí não é qualquer preso que pode. Então eles dizem que o que eles gostariam muito seriam alguns cursos técnicos, por exemplo de barbearia, de panificação, coisas desse tipo. Dentro da penitenciária já é mais difícil acontecer.” (Betânia, 2024)

O ensino técnico é muito citado como uma alternativa educacional ressocializadora dentro do cárcere em diversas penitenciárias do Brasil e pode ser tratada como uma alternativa interessante, principalmente a curto prazo.

As dificuldades enfrentadas no contexto educacional do Complexo Penitenciário de Chapecó evidenciam que, apesar da existência da escola no sistema prisional, ainda há inúmeros obstáculos que limitam a participação e a permanência dos detentos no ensino. Além da falta de estrutura adequada, o desânimo causado pelas temperaturas extremas, a inconstância no deslocamento para as aulas e a repressão do ambiente carcerário são fatores que comprometem a motivação dos estudantes e o próprio processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, questões externas, como a lentidão nos processos judiciais e o impacto emocional causado por novas condenações, demonstram como a instabilidade da vida prisional interfere diretamente no interesse e na continuidade dos estudos. Somado a isso, a ausência de um ensino mais voltado à capacitação profissional também contribui para a falta de engajamento, uma vez que muitos detentos veem na educação uma possibilidade de reinserção social e econômica, mas encontram poucas oportunidades concretas nesse sentido.

Diante desse cenário, fica evidente a necessidade de um olhar mais atento das autoridades responsáveis pela educação prisional. Reformas estruturais, maior conscientização dos agentes penitenciários no incentivo ao ensino e a ampliação de cursos

técnicos podem ser caminhos promissores para tornar a escola um espaço mais atrativo e eficiente no cárcere.

3.7 MOTIVAÇÃO E PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES

Alguns fatores influenciam positivamente para os detentos ingressarem nos estudos na situação que se encontram, seja para ocupar a mente e não mantê-la ociosa, seja para encontrar novas perspectivas quando retomar a liberdade, seja para encontrar algum amigo, ou mesmo pela remissão da pena que é abatida da sua sentença, o que para alguns professores é visto como uma boa oportunidade para impactar a sua realidade através da educação já que com turmas menores do que as escolas tradicionais eles se sentem mais confortáveis para trabalhar, conseguem instigar os estudantes, que também tendem a serem melhores receptivos. A professora Analu comenta que na maior parte, o incentivo principal para ingressarem na escola é remissão de pena, mas ela utiliza isso para aguçar o interesse e como os estudos podem proporcionar uma melhora de vida:

“Primeiramente eles percebem como uma oportunidade de remissão, esse é motivo principal que eu percebo deles, e uma pequena parte conhecimento, aprender algo que tenha utilidade para ele, tipo tá na disciplina de língua portuguesa, vamos aprender como escrever uma redação, como escrever uma resenha, porém, a maior parte vai ser para ganhar remissão para sair dali mais rápido(...) eu acabo instigando eles, independente se eles só querem a remissão, eu sempre instigo, converso com eles: olha pessoal, ainda tem que completar todo o fundamental e todo o médio para ter o certificado de ensino médio, para terminar a escola, aí paga toda a remissão dele, vai para fora, e vai agora ter a sua vida. Então eu sempre instigo para que eles terminem, caso tenham esse interesse irem em busca, façam algum cursinho, às vezes um cursinho técnico, ou mesmo o CEJA, então acabo instigando isso para eles continuarem, porque acaba sendo uma coisa boa e melhor para a vida deles.” (Analu, 2024)

A professora Rita de forma bastante otimista e com um olhar bastante positivo sobre a educação dentro do complexo e sobre os alunos, sobretudo os mais velhos, têm o seguinte olhar:

“Eles enxergam a educação nesse espaço como uma oportunidade, principalmente os de séries iniciais, percebem que são capazes, eles não tiveram acesso à educação quando eles tinham a idade e agora eles enxergam como uma questão de autoestima, que eles têm essa capacidade de aprender, a oportunidade para o trabalho lá fora, o quanto fez falta, a questão da ressocialização. Também da remissão, não tem como dizer que não é importante, porque é muito importante para eles, para uns mais importante. Para aqueles que começaram a estudar e não sabiam nem ler e escrever, a questão da alfabetização foi muito mais importante, ela se sobressai até do que a remissão, porque a gente percebe neles como eles valorizam, como eles se sentem satisfeitos, como eles acreditam neles mesmo, a partir daquilo ali, de que eles realmente são capazes.” (Rita, 2024)

A educação no sistema prisional se apresenta como um instrumento essencial tanto para a remissão da pena quanto para a transformação pessoal e social dos detentos. Embora a maioria dos estudantes ingresse na escola prisional motivada pela possibilidade de redução da pena, o contato com o aprendizado muitas vezes desperta um interesse genuíno pelo conhecimento, promovendo mudanças significativas em sua autoestima, identidade e perspectivas de futuro.

Os relatos das professoras Analu e Rita evidenciam que a escola no presídio desempenha um papel crucial na ressocialização, proporcionando aos alunos uma oportunidade de reescrever suas trajetórias. Enquanto Analu busca instigar os estudantes a darem continuidade aos estudos mesmo após o cumprimento da pena, Rita destaca o impacto da alfabetização na valorização pessoal e no desenvolvimento da autoconfiança, sobretudo entre aqueles que não tiveram acesso à educação anteriormente.

3.8 PROJETO DESPERTAR PELA LEITURA

Santa Catarina tem em torno de 5,5 mil presos participando do Projeto Despertar Pela Leitura desenvolvido no sistema prisional do estado. Viabilizado por meio de uma parceria entre a Secretaria de Administração Prisional e Socioeducativa (SAP) e Secretaria da Educação (SED) o programa estimula a reinserção social do interno, por meio do ensino e da literatura e pode resultar em quatro dias de remição de pena por mês.

Para integrar o projeto e obter o benefício, não basta somente ler o livro. Após participar de uma prova de nivelamento, os internos selecionados recebem as orientações e um livro, que deverá ser lido na cela em até 30 dias. Passado o período, retornam à sala de aula para escrever uma resenha. O texto é avaliado pela comissão de ensino da unidade prisional e atribuído uma nota, sendo que a média é 6,0. Se for aprovado, o documento é encaminhado para o Juiz da Vara de Execuções penais, que concede ou não a remição de quatro dias de pena. Mas se o reeducando não conseguir alcançar a média, tem mais uma chance para escrever uma nova resenha. Se não conseguir a nota 6,0 a tentativa é anulada e ele começa a ler outro livro. Cada interno pode ler até 12 livros por ano, garantindo remição de 48 dias de pena (SANTA CATARINA, 2019).

Tive a oportunidade de entrevistar a professora Betânia que em 2024 atuou no projeto na PICH, pretendo trazer a visão dela sobre o projeto no local, suas perspectivas sobre o desenvolvimento e sobre o impacto dessa atividade na ressocialização dos internos.

O primeiro ponto que ela aborda são as motivações que levam os internos a participarem e como já dito a remissão através do projeto é considerada boa, pois o detento tende a ter um bom hábito de leitura quando preso devido ao tempo ocioso, então ao ingressar no projeto esse hábito tende a se intensificar, sendo uma maneira de unir o útil ao agradável.

“O objetivo principal deles para entrarem no projeto é conseguir a remissão de quatro dias por mês, porque é uma remissão que a aula não dá. O livro, na opinião deles, eles mesmos falam isso, é muito fácil, porque acaba que lá dentro eles não têm muito o que fazer, no dia a dia, então a leitura se torna um hábito para muitos. E aí, como eles já gostam de ler, é muito simples para eles pegar um livro, fazer a leitura, chegar no dia, escrever um texto. Porque essa resenha acaba sendo, na verdade, mais um resumo do que, de fato, uma resenha. E ganhar ainda quatro dias de remissão.” (Betânia, 2024)

Quanto ao acervo literário a biblioteca aparenta ter opções e uma quantidade considerável de livros, mas ainda assim existem dificuldades para trabalhar no projeto relacionada aos títulos, aos gêneros e ao mau uso dos livros.

“No caso da leitura é um pouco diferente, pensando nas disciplinas para o projeto, porque na leitura a gente tem uma biblioteca, cada uma das unidades lá dentro tem. Então a PICH tem uma, a PACH, o Presídio Masculino e Feminino tem sua biblioteca, como um acervo na PICH de mais ou menos 4 mil livros, 4 ou 5 mil obras. É bastante, mas o que acontece? Muitos livros são religiosos, auto ajuda, e a gente dá preferência por trabalhar com obras literárias, narrativas, até para facilitar a escrita do texto deles. E aí, como alguns livros são muito manuseados, eles acabam se danificando muito, perdendo capa, perdendo folha, muitos deles até acabam estragando também. Aí, a questão dos livros tem um acervo ok, livros atuais até, mas muitos vão se deteriorando com o tempo, eles também, enfim, acabam utilizando folhas para fazer outras coisas, então livros que você usa algumas vezes e você precisa descartar. Então tem uma rotatividade de livros assim entre eles, que sai, mas que não entra na mesma proporção.” (Betânia, 2024)

Quanto a permanência dos internos no projeto existem diversos requisitos, a maioria deles ligado aos seus comportamentos e infrações no sistema:

“No caso da leitura, o que influencia muito o acesso e a permanência deles é a questão até mesmo comportamental, porque só fica no projeto de leitura, só entra no projeto de leitura quem tem, digamos assim, um bom comportamento e só continua quem não ganha, quem não recebe infrações. E acaba que tem galerias lá dentro que levam muita infração, por exemplo, o cabelo cresceu um pouco, a barba cresceu um pouco, falou num tom que não foi legal com algum dos agentes, eles recebem uma infração e qualquer infração tira eles do projeto.” (Betânia, 2024).

Quanto a percepção da educação e do projeto de leitura e as futuras perspectivas dos estudantes, a professora ressalta:

“Alguns comentam que, por exemplo, pensando na leitura, ali dentro criaram um hábito da leitura, que incentivam os filhos aqui fora a lerem também, que querem

continuar tendo esse hábito aqui fora. Em relação aos estudos, alguns dizem também que querem sair, querem fazer uma faculdade, enfim, é uma minoria, mas alguns fazem esse tipo de comentário. Mas eu acredito que a principal contribuição vai ser para a questão da saída ser mais rápida.” (Betânia, 2024).

A iniciativa, viabilizada pela parceria entre a SAP e a SED, demonstra como a leitura pode ser um instrumento valioso para estimular a reintegração social e proporcionar benefícios concretos aos internos, como a remição de pena.

A entrevista com a professora Betânia, que atuou no projeto em 2024 na Penitenciária Industrial de Chapecó (PICH), trouxe reflexões relevantes sobre o impacto do programa. Primeiramente, ficou evidente que a principal motivação dos internos para participar é a possibilidade de remição de quatro dias por livro lido e resenhado. No entanto, observa-se que a leitura, muitas vezes iniciada por um interesse pragmático, acaba se tornando um hábito no contexto prisional, o que pode reverberar positivamente após a libertação.

Outro ponto relevante destacado pela professora foi a condição do acervo literário disponível nas unidades prisionais. Apesar de uma quantidade considerável de obras, há desafios relacionados à conservação dos livros e aos gêneros literários, como religiosos e de autoajuda. A preferência dos educadores por narrativas literárias esbarra na deterioração dos materiais e na necessidade de renovação constante do acervo.

Além disso, a permanência dos internos no projeto está diretamente relacionada ao seu comportamento no sistema prisional. Regras disciplinares rígidas estabelecem que qualquer infração pode resultar na exclusão do participante, indicando um critério de seleção pautado não somente pelo interesse na leitura, mas também pelo cumprimento das normas institucionais. Esse fator pode ser compreendido como um incentivo à boa conduta, porém, também pode representar uma barreira para aqueles que enfrentam dificuldades de adaptação ao sistema disciplinar.

Por fim, a percepção dos internos quanto ao impacto do projeto revela que, para alguns, a experiência de leitura transcende os muros da prisão, influenciando suas expectativas para o futuro. Alguns mencionam o desejo de continuar lendo após a soltura, de incentivar seus filhos à leitura e até de buscar uma formação acadêmica. Embora esses casos sejam minoritários, reforçam a importância do acesso à educação e leitura como um fator transformador na vida dos indivíduos em privação de liberdade.

Dessa forma, o Projeto Despertar pela Leitura não somente cumpre sua função de proporcionar a remição de pena, mas também contribui para o desenvolvimento intelectual e social dos internos. Ao integrar leitura, escrita e reflexão crítica, a iniciativa se configura

como um modelo de intervenção educativa no sistema prisional, com potencial para ampliar seus impactos a longo prazo na vida dos participantes e na sociedade como um todo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um cenário nacionalmente que temos um índice altíssimo de pessoas detidas e que aumenta aceleradamente, fica evidente que no decorrer dos anos a política da punitividade não funcionou. A falta de prioridade social e principalmente política histórica com a educação pública, é um combustível para o crescimento da criminalidade, aliado ao problema genético do capitalismo, a desigualdade social e pobreza, ou mesmo a busca por reconhecimento social em virtude do alto consumismo, se torna um prato cheio para o crescimento da criminalidade e em consequência a população carcerária.

Torna-se assim, urgente pensar e discutir formas que venham anteceder a entrada principalmente da juventude e da população periférica na criminalidade, evitando que pessoas vulneráveis necessitem entrar para a delinquência, como políticas públicas que exterminem a pobreza extrema e dê empoderamento a esses jovens por meio da educação e incentivo a usar as suas potencialidades em prol da sua dignidade.

No decorrer da pesquisa é notável que as atividades educacionais ofertadas são vista com bons olhos pelos internos do complexo carcerário de Chapecó, seja por meio da educação formal ou pelo projeto Despertar Pela Leitura, porém ainda assim, é necessário olhar para as questões sociais e tratá-la para que essa massa carcerária seja notada antes de entrar na criminalidade, que antes dele precisar de uma reintegração social que ele seja integrado à sociedade, o que muitas vezes não acontece. Nesse sentido notamos em diversos casos que muitos dos detentos não tenham tido uma socialização digna, conforme o lugar onde viveu, contexto familiar, dificuldades que passou e não tenha tido as oportunidades necessárias para que sua realidade fosse diferente.

Quanto às oportunidades educacionais oferecidas pelo complexo aos internos existe algumas questões pontuais para torná-la melhor efetiva, como os horários que são ofertadas as aulas que grande parte dos presos estão em horário de trabalho e acaba se tornando um atrativo desigual, pois grande parte prioriza trabalhar a estudar devido aos seus compromissos financeiros, famílias que dependem dessa renda, manter algumas necessidades básicas durante o cumprimento da pena ou por simplesmente conseguir ter uma renda e uma segurança financeira para recomeçar a vida ao receber sua liberdade.

Manter-se na escola também é um desafio, seja pela estrutura deficitária, falta de materiais adequados e recursos tecnológicos, descaso e falta de conscientização sobre a

importância da educação no cárcere pela administração e principalmente dos agentes penitenciários.

A questão trabalhista é um caso a ser atenciosamente refletido e problematizado, a maneira, que é gerenciada a relação trabalhista. As empresas são incentivadas a se instalarem no complexo, recebem subsídios, não gastam com estrutura, aluguel, refeição e afins, não pagam salários condizentes com a função, além de ter um grande contingente de presos na fila por vagas.

Quanto a isso, a política trabalhista do Complexo Prisional de Chapecó é vista e reconhecida como um modelo de sucesso a ser replicada nacionalmente, com seus ótimos índices, em 2019 o então ministro da justiça visitou o complexo para conhecer o modelo e replicar a nível nacional. Deixamos como sugestão e proposta a ser estudada em pesquisa futura toda essa relação trabalhista desenvolvida no Complexo Carcerário de Chapecó.

A pesquisa foi de extrema utilidade para a compreensão dos internos sobre as atividades ofertadas pela administração prisional, os fatores que levam à sua aproximação e afastamento da escola em privação de liberdade, a visita técnica proporcionou um olhar diferenciado com o objeto de pesquisa e através do relato conseguimos expor detalhadamente as impressões.

Algumas questões que não foram possíveis contemplar por alguns fatores como a falta de dados existentes e a falta de acompanhamento após a liberdade, dados sobre estudantes formados, se esse estudante acessou o ensino superior, se continuou a estudar.

Por fim, a pesquisa trouxe resultados que acreditamos serem importantes e nos propomos a continuar pesquisando para futuros debates relacionados a políticas públicas, educacionais, trabalhistas e no campo dos direitos humanos na área prisional chapecoense e brasileira.

REFERÊNCIAS

- BRANCALIONE, Jéssica Mara. **O processo de ensino e aprendizagem de história nas experiências dos detentos da penitenciária agrícola de Chapecó-SC**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1167>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- BRANCALIONE, Jéssica Mara. **Educação escolar no ambiente prisional: sob o olhar das experiências dos sujeitos**. 2020. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 jun. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984**. Lei de Execução Penal. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/109222/lei-de-execucao-penal-lei-7210-84>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- FACÇÃO CENTRAL. Quando é que vão olhar pro inferno. In: FACÇÃO CENTRAL. **Versos sangrentos** [música]. Composição de Carlos Eduardo Taddeo. São Paulo: Zimbabwe Records, 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6ifW2WR14Q>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- FLORÊNCIO, Roberto Remígio; COSTA, Ênio Silva da. A escola no cárcere: uma reflexão sobre a educação dentro dos presídios brasileiros. **Educação em Debate**, Fortaleza, v. 84, n. 43, p. 27-37, abril, 2021.
- GOMES, Priscila de Lima; SANTIAGO, Léia Adriana da Silva; CARVALHO, Marco Antônio de; LIMA, Willian Rayner. A educação nos intramuros do sistema prisional: desafios e possibilidades para humanização e emancipação pelo trabalho. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [s. l], v. 1, n. 8, p. 1-12, 01 dez. 2020. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/index>. Acesso em: 06 jul. 2023.
- OLIVEIRA, Cida de. Menos de 13% da população carcerária tem acesso à educação. **Brasil de Fato**, 9 de julho de 2017. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/09/menos-de-13-da-populacao-carceraria-tem-acesso-a-educacao/>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- NOVO, Benigno Núñez. A importância da educação prisional para a recuperação dos detentos no Brasil e na Espanha. **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/direito/a-importancia-da-educacao-prisional-para-a-recuperacao-de-detentos-no-brasil-e-na-espanha.htm>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- SANTA CATARINA. **Santa Catarina tem 5,5 mil presos no projeto Despertar pela Leitura**. SEJURI, 2025. Disponível em: <https://www.sejuri.sc.gov.br/santa-catarina-tem-5-5-mil-presos-no-projeto-despertar-pela-leitura/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SANTOS, Sintia Menezes. **Ressocialização através da educação**. 24 ago. 2005. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2231/Ressocializacao-atraves-da-educacao>. Acesso em: 06 jul. 2023.

SILVA, Roberto da; MOREIRA, Fábio Aparecido; OLIVEIRA, Carolina Bessa Ferreira de. Ciências, trabalho e educação no sistema penitenciário brasileiro. **Cedes - Centro de Estudos Educação e Sociedade**, Campinas, v. 98, n. 36, p. 9-24, 22 fev. 2016.